Meditações: quartafeira da XIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus pôs em prática a correção fraterna; prova de afeto e de confiança; paz e prudência.

- Deus pôs em prática a correção fraterna.
- Prova de afeto e de confiança.
- Paz e prudência.

AS OBRAS de misericórdia convidamnos a sair de nós mesmos para ir de braços abertos ao encontro dos nossos irmãos. No Catecismo lembrase que «são as ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais (Is 58, 6-8 e Heb 13, 3). Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência»^[1]. Deste modo, ensinam-nos a olhar para os outros com os olhos de Deus, procurando unicamente o seu bem. Uma destas obras de misericórdia espirituais é corrigir quem erra. Precisamente porque só queremos o bem dos nossos irmãos, além de os apoiar, servir, rezar por eles, etc., também procuramos ajudá-los, na medida do possível a afastar-se do pecado, ou animá-los com delicadeza a desarreigar um defeito.

Como se lê no Antigo Testamento, o próprio Deus pôs em prática este costume «de cada vez que os homens se empenhavam – e podemos dizer, nos empenhamos - em tomar o caminho do mal. A história do Povo eleito é uma manifestação clara deste cuidado divino. Em muitas situações, Javé podia ter largado a mão, mas sempre – também umas vezes com castigos e outras, com advertências dos profetas -, voltava a atraí-los a Si reencaminhando-os pelas vias da salvação (...). No Evangelho, vemos que Jesus Cristo não se abstém de repreender, de corrigir a quem deseja levar pela senda reta; não só aos fariseus que rejeitavam a sua mensagem, mas também aos seus amigos: a Pedro, até com dureza, quando o apóstolo insinua que deve evitar a Paixão; ou a Marta em Betânia, com doçura, por preocuparse excessivamente pelas tarefas da casa. Nosso Senhor sabia utilizar o tom e a linguagem que mais

convinha a cada pessoa»^[2]. Podemos pedir a Deus que nos dê um olhar «que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós»^[3].

ENQUADRADO nesta misericórdia divina, está o costume evangélico da correção fraterna, que nasce de um verdadeiro interesse pela salvação e pela santidade dos outros. No Antigo Testamento já encontramos referências: «Avisa o teu amigo para que não pratique o mal, ou, se o fez, para que não o torne a fazer. Avisa o teu próximo, para que não diga palavras impensadas, ou, se as disse, para que não as torne a dizer. (...) Avisa o teu próximo antes de o ameaçares» (Sir 19, 13-4.17). No contexto de um discurso sobre o serviço aos mais pequenos e ao

perdão sem limites, Jesus estabelece o caminho por onde segue esta obra de misericórdia: «Se o teu irmão te ofender, vai ter com ele e repreendeo a sós. Se te escutar, terás ganho o teu irmão» (Mt 18, 15).

A partir do ensinamento e do exemplo do Senhor, a correção fraterna é uma tradição da família cristã, que brota como uma verdadeira necessidade, uma obrigação de amor e de justiça ao mesmo tempo. Santo Ambrósio escreve no século IV: «Se descobrires algum defeito no amigo, corrige-o em segredo (...). As correções, efetivamente, fazem bem e são de maior proveito do que uma amizade muda. Se o amigo se sente ofendido, corrige-o igualmente; insiste sem temor, ainda que o sabor amargo da correção o desgoste. Está escrito no livro dos Provérbios que os golpes do amigo são leias, mas os beijos de um inimigo são enganadores (cf. Pr 27,

6)»^[4]. A correção fraterna é também uma expressão concreta da comunhão dos santos: porque formamos um só corpo e não somos indiferentes ao que acontece aos outros, sempre que for possível e prudente ajudamos com os nossos conselhos a superar as dificuldades ou perigos com que se possam deparar. Queremos cuidar dos nossos irmãos como Cristo fez, cooperando para a sua salvação para que nenhum se perca (cf. Jo 17, 12). Santo Agostinho adverte sobre a grave responsabilidade que suporia omitir esta ajuda: «Tu és pior calando do que ele faltando»[5].

A atitude com que se faz a correção fraterna é sempre delicada e prudente, utilizando palavras impregnadas de verdadeiro afeto e compreensão, que evitam humilhar quem é corrigido. Feita desta maneira, não será vista como um julgamento, mas como um serviço,

«uma manifestação de carinho sobrenatural e de confiança»^[6]. Por este motivo, antes de a fazer, é muito conveniente falar com Nosso Senhor na oração, examinando o nosso próprio coração para nos darmos conta de que nós somos os primeiros a precisar de correção e, ao mesmo tempo, para descobrir se, a par do desejo de ajudar, há outras intenções que não sejam tão santas. «A regra suprema da correção fraterna é o amor: querer o bem dos nossos irmãos e irmãs. Trata-se de tolerar os problemas dos outros, os defeitos dos outros em silêncio na oração, e depois encontrar o modo correto de os ajudar a corrigir-se»[7].

NA ALTURA de exercitar a correção fraterna, São Josemaria aconselhava: «Atuai sempre com simplicidade, virtude tão própria dos bons filhos de Deus. Sede naturais na vossa linguagem e na vossa atuação. Chegai ao fundo dos problemas; não fiqueis à superfície. Reparai que é preciso contar antecipadamente com o sofrimento alheio e com o nosso, se desejamos deveras cumprir santamente e com honradez as nossas obrigações de cristãos».

A correção fraterna é um gesto de honestidade para com a outra pessoa, pois em vez de a criticar pelas costas dizemos-lhe pela frente, com amabilidade, o que consideramos que podia mudar. «Infelizmente, porém, a primeira coisa que muitas vezes se cria à volta de quem erra é a coscuvilhice, em que toda a gente fica a saber do erro, com todos os pormenores, exceto a pessoa em questão! Isto não está certo, irmãos e irmãs, isto não agrada a Deus. Não me canso de repetir que a coscuvilhice é uma chaga na vida das pessoas e das comunidades, pois

traz divisão, traz sofrimento, traz escândalo, e nunca ajuda a melhorar, nunca ajuda a crescer»^[9]. Embora fazer e receber a correção fraterna custe, pois implica entrar na vida de outra pessoa, pode envergonhar-nos e até parecer que o outro no fundo terá as suas razões para agir de determinado modo, também é certo que Deus abençoa essa ajuda de irmão para irmão, e deixa no coração um fruto de paz. Quem a faz enchese de paz, porque em vez de murmurar, tentou ajudar um irmão; quem a recebe sabe que conta com a oração e o carinho de alguém a quem importa o seu próprio bem.

A virtude da prudência desempenha um papel importante para discernir o momento adequado e a forma de fazer e de receber a correção. Geralmente, a prudência leva-nos a pedir conselho a alguma pessoa sensata sobre a sua oportunidade, e a entender que a correção deve versar

sobre aspetos realmente necessários e importantes, não sobre minudências ou erros ocasionais. Desse modo, movidos pela prudência, não corrigiremos com demasiada frequência sobre os mesmos defeitos, porque todos precisamos de tempo e de graça de Deus para melhorar. Podemos pedir a Maria, que veneramos como Virgem prudentíssima, para sabermos apoiar-nos uns aos outros no nosso caminhar cristão, conscientes de que «um irmão ofendido é mais inacessível que uma praça forte» (Pr 18, 19).

[1] Catecismo da Igreja Católica, n. 2447.

[2] Javier Echevarría, <u>podcast</u> *Corrigir os que erram* (em *www.opusdei.pt*).

- [3] Bento XVI, Mensagem, 03/11/2011.
- [4] Santo Ambrósio, *De officiis ministrorum III*, n. 125-135.
- [5] Santo Agostinho, Sermão 82, n. 7.
- [6] São Josemaria, Forja, n. 566.
- [7] Francisco, Audiência, 03/11/2021.
- [8] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 160.
- [9] Francisco, Angelus, 10/09/2023.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/meditation/ meditacoes-quarta-feira-da-xix-semanado-tempo-comum/ (21/11/2025)